

URUGUAI

Esquerda volta ao poder após cinco anos

Em disputa acirrada, Yamandú Orsi, pupilo de José Mujica, derrota o governista Álvaro Delgado no segundo turno das eleições presidenciais com vantagem mínima. Na comemoração, Frente Ampla prega entendimento e união

» PALOMA OLIVETO

Apoiado pelo icônico ex-presidente José Mujica, o professor de história Yamandú Orsi, 57 anos, venceu o segundo turno das eleições uruguaias, com uma margem estreita de vantagem em relação ao opositor do Partido Nacional, Álvaro Delgado: 1.123.420 votos, contra 1.042.001, com 94,4% das urnas apuradas, segundo o Tribunal Eleitoral. A vitória marca a volta ao poder da esquerda, depois de um governo de cinco anos da coalizão centro-direita.

O primeiro discurso de Orsi como presidente eleito foi em tom conciliatório. "Aqueles que abraçam outra bandeira também são construtores desta democracia", afirmou o candidato da Frente Ampla. "Essas pessoas também terão que nos ajudar a construir um país melhor, nós também precisamos delas, que sigam abraçando as bandeiras, as ideias, porque do debate de ideias se constrói um país melhor e, sobretudo, uma república democrática e com futuro."

Ao lado da vice-presidente eleita, Carolina Cosse, Orsi afirmou que será "o presidente que constrói uma sociedade mais integrada, onde, apesar das diferenças, ninguém possa ficar para trás do ponto de vista econômico, social e político", afirmou. "Abracemos fortemente a ideia de que o Uruguai é um só, apesar das nossas diferenças territoriais."

Transição

Antes mesmo do resultado oficial, divulgado às 22h30, a vitória de Orsi foi reconhecida pelos oponentes políticos e comemorada por aliados. "Liguei para Yamandú Orsi para felicitá-lo como presidente eleito do nosso país e para me colocar às ordens e começar a transição, quando ele achar pertinente", postou o atual presidente da República, Luís Lacalle Pou, às 21h25.

AFP



Yamandú Orsi e a vice Carolina Cosse na festa da vitória. "Abracemos fortemente a ideia de que o Uruguai é um só", disse o presidente eleito

AFP



Mujica vota em Montevideo: principal estrategista da campanha

Quinze minutos depois, foi a vez de Álvaro Delgado discursar. Com a bandeira uruguiaia nas mãos, ele felicitou Orsi e a Frente Ampla. "Hoje, os uruguaios definiram quem exercerá a Presidência da República. E quero enviar aqui, com todos esses atores da coalizão, um grande abraço e saudações a Yamandú Orsi", cercado pelos parceiros da

aliança governante que o apoiou no segundo turno.

Na rede X, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva também parabenizou o presidente eleito. "Queiro congratular o povo uruguiaio pela realização de eleições democráticas e pacíficas (...). Essa é uma vitória de toda a América Latina e do Caribe", escreveu.

Retomada

Com Orsi, a Frente Ampla retoma o governo, perdido em 2020 após três mandatos consecutivos, um deles com Mujica (2010-2015). O ex-guerrilheiro de 89 anos, que se recupera de um câncer no esôfago, votou cedo em Montevideo. "Meu futuro mais próximo é o cemitério, mas me interessa o destino dos jovens, que quando tiverem a minha idade vão viver em um mundo muito diferente", disse, cercado por jornalistas.

Apesar da saúde frágil, Mujica teve uma participação ativa na reta final da campanha. Criticou a avareza de alguns políticos, as corporações e o presidente em fim de mandato Lacalle Pou. Também questionou o "consumismo abominável", e falou sobre seu legado em uma espécie de despedida que emocionou muitas pessoas.

Nenhum dos candidatos tinha maioria parlamentar, já que nas

eleições de outubro, a Frente Ampla conquistou 16 das 30 cadeiras no Senado, e a coalizão governista, 49 dos 99 assentos na Câmara dos Deputados. No discurso em que reconheceu a derrota, Álvaro Delgado falou em acordos. "No Uruguai, nasceu um novo tempo, onde ninguém tem maioria".

Renda

O Uruguai, a democracia mais sólida da América Latina, tem uma alta renda per capita e níveis mais baixos de pobreza e desigualdade em comparação com o resto da região. Porém, o elevado custo de vida e a criminalidade estão no centro das preocupações dos eleitores no país agrícola, com 3,4 milhões de habitantes e 12 milhões de cabeças de gado.

A eleição teve baixa abstenção. No país, onde o voto é obrigatório, mais de 2,7 milhões de uruguaios estão habilitados para votar, e 89,4% compareceram às urnas.

Perfil

Discípulo dedicado

De perfil moderado, Yamandú Ramón Antonio Orsi Martínez, 57 anos, é apadrinhado pelo popular ex-presidente José "Pepe" Mujica. É com ele que a esquerda, que governou o Uruguai por três mandatos consecutivos de 2005 até 2020, retorna ao poder.

Assim como Pepe Mujica, o presidente eleito descende de espanhóis e italianos. Nasceu na zona rural e estudou em escolas públicas.

Em 1989, aderiu ao Movimento de Participação Popular fundado por Mujica. Dois anos depois, formou-se professor de história. Lecionou em escolas de ensino médio do interior até 2005, quando iniciou sua carreira no governo de Canelones, primeiro como secretário-geral por quase 10 anos e, depois, como prefeito por dois mandatos.

Deixou o cargo para se candidatar à Presidência. Em junho, venceu as internas partidárias de junho com mais de 60% dos votos, superando em muito a ex-prefeita de Montevideo Carolina Cosse, que veio a se tornar sua companheira de chapa.

Em entrevistas, Yamandú Orsi destacou que vinha se preparando para ser presidente há muito tempo. Contudo, não apresentou um plano de governo antes das eleições, o que suscitou críticas de seus opositores.

Orsi foi casado duas vezes, a última com a mãe de seus filhos gêmeos de 12 anos.

COP29

Países em desenvolvimento se dizem "insultados"

Um insulto. A definição do negociador-chefe da Bolívia, Diego Pacheco, sobre o texto final da Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas em Baku (COP29), no Azerbaijão, ainda ecoava um dia depois do encerramento da cúpula. Ministros, diplomatas, ambientalistas e climatologistas mostraram indignação com o valor estabelecido para o fundo global de mitigação e adaptação: US\$ 300 bilhões até 2035, com revisão em 2030. O montante corresponde a 30% do que havia sido calculado pela Organização das Nações Unidas (ONU). "Esperava um resultado mais ambicioso", comentou António Guterres, secretário-geral da ONU.

No ano mais quente já registrado, a COP29 também decepcionou pela falta de acordo sobre o Balanço Global do Acordo de Paris — avaliação técnica do que foi feito até agora para tentar limitar o aumento da temperatura no fim do século a 1,5°C. Esperava-se para Baku a última etapa da análise de resultados, um passo importante para determinar como os países

devem responder às deficiências identificadas.

Com a presença de 1.770 lobistas do petróleo, a conferência também deixou para a edição de Belém, no próximo ano, a decisão sobre a transição energética. A lacuna não chega a ser inesperada: em seu discurso na Sessão de Alto Nível da COP, onde os líderes dão seus recados, o presidente do Azerbaijão, Ilham Aliiev, afirmou que os combustíveis fósseis eram um "presente de Deus, que não pode ser desprezado".

Em um comunicado, Simon Stiell, chefe climático da ONU, destacou que a conferência resolveu pouco do que estava previsto. "Nenhum país conseguiu tudo o que queria, e vamos embora de Baku com uma montanha de trabalho ainda por fazer. Sendo assim, não é o momento de dar voltas da vitória."

Direito

O G77+China reivindicava ao menos US\$ 500 bilhões anuais para o fundo, metade do que economistas consultados pela ONU

AFP



Antes do encerramento da cúpula, ativistas protestaram exigindo financiamento das nações ricas

calcularam como necessário para ajudar os países em desenvolvimento a combater os efeitos das mudanças climáticas e fazer a transição energética. "O valor acordado é um insulto à demanda dos países em desenvolvimento. O pagamento da dívida climática é

um direito dos países do Sul Global", disse Diego Pacheco, negociador-chefe da Bolívia, citado pela agência France-Press.

"O acordo financeiro fechado hoje Baku perverte a UNFCCC (Convenção-Quadro das Nações Unidas para Mudanças Climáticas)

e subverte qualquer conceito de justiça", avaliou Claudio Angelo, chefe de Política Internacional do Observatório do Clima. "Com a ajuda de uma presidência incompetente, os países desenvolvidos conseguiram mais uma vez abandonar as suas obrigações e fazer com que os

países em desenvolvimento literalmente pagassem a conta."

O bloco dos países menos desenvolvidos, que lutava por 30% do valor do financiamento, acusou a conferência de se deixar levar pelo lobby dos combustíveis fósseis. "Vimos de boa-fé, pensando na segurança das nossas comunidades e no bem-estar do mundo. Contudo, assistimos ao pior do oportunismo político nesta COP, brincando com as vidas das pessoas mais vulneráveis do mundo. Os interesses dos combustíveis fósseis estão determinados a bloquear o progresso e a minar os objetivos multilaterais pelos quais temos trabalhado", declarou, em nota, Tina Stege, enviada climática das Ilhas Marshall.

Professor emérito de riscos geofísicos e climáticos da Universidade College London, na Inglaterra, Bill McGuire destaca a preocupação com os resultados pífios alcançados em Baku. "Muitos cientistas climáticos sentem a mesma mistura de frustração, incredulidade e medo que eu sinto pela ausência de progresso", afirma. "Com as emissões precisando cair em pelo menos 43% nos próximos 60 meses, o mundo precisa estar em pé de guerra e agir de acordo." (PO)